

EDITORIAL

Compreender o modo como professores, artistas e pesquisadores vêm relacionando a dança às diferentes abordagens somáticas foi uma das motivações para lançar esta publicação, além da necessidade de expandir referenciais e chamar atenção para a potência desse campo de atuação nas universidades e cursos de dança no Brasil.

Nos últimos anos, ampliou-se a oferta de cursos dirigidos à formação em sistemas e métodos relacionados à educação somática, ao mesmo tempo em que o interesse de professores e de artistas somou-se à criação de espaços e de disciplinas nos cursos de dança de nível superior – incluindo a abertura de concursos públicos específicos para esse recorte –, que buscam misturar no corpo princípios e reflexões desafiantes para algumas práticas de dança e, também, para outros campos do saber.

No que se refere às relações entre dança e educação somática, devemos considerar, sobretudo no último decênio, o crescimento significativo do escopo de pesquisas que, fundamentadas em diferentes abordagens e mobilizadas por múltiplas demandas e contextos, tem forçado esse campo de estudos a um constante transbordamento. Seja sedimentando saberes práticos/teóricos prévios ou explorando outros entrecruzamentos, é notável a expansão do conhecimento somático nos âmbitos didático-pedagógicos da dança, dos treinamentos, das práticas artísticas e de criação, ficando também cada vez mais evidente um redimensionamento dos valores que acompanham estas práticas quando atribuídas a projetos destinados a grupos e a questões específicas das áreas social e da saúde, que transformam e potencializam o papel de indivíduos consigo próprios e na sociedade.

Essa esfera ampliada de intenções tem colocado em perspectiva possibilidades renovadas de atuação e reflexão, expandindo a própria definição das práticas e teorias somáticas. Defendida crescentemente por alguns estudiosos do assunto, a “consciência somática” atual deve levar em consideração não apenas a experiência interior e pessoal de cada indivíduo, mas a dimensão molecular da política – ou micropolíticas –, que se mostra na gestão da vida, do corpo, da família, da escola, enfim, nas questões sociopolíticas mais amplas relacionadas ao pensamento somático.

Partindo desse escopo inicial, os artigos que compõem esta publicação exploram aproximações tecidas pelo exercício de colocar junto e, ao mesmo tempo, de discriminar estes diferentes saberes, apontando também para as operações cotidianas do corpo, como a caminhada, ou para procedimentos pedagógicos voltados para atender sintomas causados pela depressão e distúrbios de comportamento alimentar em mulheres, por exemplo.

Apresentamos nesta edição artigos em três idiomas: o inglês, o francês e o português. O editorial, sem traduções, busca instigar uma leitura metafórica e concreta da diversidade de atuações e de produções, atualizando a noção a partir dos interesses de pesquisadores e de recortes metodológicos. Suas diferentes abordagens, métodos e referenciais demonstram um pouco do muito que a educação somática abrange e do que esta relação com a dança pode construir em futuro de curto e médio prazo, inclusive quando aponta para questões muito específicas da fisicalidade do corpo ou da mecânica do movimento.

Por mais que alguns temas ou mecanismos pareçam simples, são justamente os meios de organizar o corpo por diferentes suportes que configuram a riqueza das abordagens que cada autor articula em seus textos. Assim, na presente publicação, de maneira comparável a outros reconhecidos métodos em âmbito internacional, apresentamos o *Anatomy Trains* como um método somático para a reorganização do movimento. Conhecido no Brasil por *Trilhos Anatômicos*, o método foi criado por Thomas Meyers que, em sua longa biografia como rolfista, continuou a aprofundar a ideia da rede fascial e de como os meridianos miofasciais integram e melhoram a consciência de si. A reorganização que os Trilhos Anatômicos proporcionam se dá por meio do toque e do movimento nas linhas de tensão, avaliando-se como a estabilidade, a fixação e a resiliência de diversas camadas corporais se interconectam, isto é, como esses caminhos fasciais conectam o corpo como um todo.

Na Seção “Percepção e Cotidiano”, o artigo intitulado *The Joy of Walking* (A Alegria de Caminhar), do autor convidado James Earl, professor e diretor do programa de Anatomy Trains na Europa, baseia-se em seu recente livro, *Born to Walk - Myofascial Efficiency and the Body in Movement*. Earls leva em consideração o movimento de marcha não somente por uma perspectiva do desenvolvimento filogenético (do mundo animal) e ontogenético (do humano), mas também avalia a coordenação da caminhada e de como esta atividade corporal pode influenciar, melhorar e reorganizar as maneiras de realiza-la. Discute, além da relação do contato do pé com o chão, o papel que este exerce nas articulações próximas e acima dele, em sua progressão, buscando relacionar a experiência de se estar no mundo sobre as próprias pernas com uma “atitude” mais alegre. Apresentando trilhos bastante complexos, em organizações que envolvem musculaturas, órgãos e articulações, o texto refina a leitura das relações anatômicas envolvidas na postura bípede, enfatizando a rede de conexões que influencia nossa maneira de estar no mundo por meio do caminhar.

Partindo de contexto e questões distintas, o artigo de Sylvie Fortin e Daniele Chouinard, intitulado *La Gymnastique holistique par des femmes souffrant de dépression et de troubles du comportement alimentaire* (A Ginástica Holística para mulheres que sofrem de depressão e de problemas de comportamento alimentar), não menos

detalhista e metodologicamente preciso, lança mão de princípios da Ginástica Holística criada pela Dra. Lili Ehrenfried como ferramenta pedagógica para atender transtornos alimentares que incluem a bulimia, a anorexia e problemas não específicos de condução alimentar em mulheres. As abordagens utilizadas no processo da pesquisa são de cunho pedagógico, pelo entendimento do movimento como revelador da pessoa e como meio concreto de intervenção para a mudança, buscando desenvolver a escuta da sensação, a noção de respeito aos limites de cada um e uma maior capacidade de autoregulação e de empoderamento.

As autoras convidadas consideram a potência da educação somática para a mudança da percepção da imagem corporal quando há uma distorção da percepção de si e um afastamento do corpo e do sentir-se. A ideia de amnésia sensorio-motora, conforme proposta por Thomas Hanna, é relacionada à dificuldade de sentir-se e perceber-se e se articula a uma redução da consciência de sinais internos do corpo que acompanham os transtornos alimentares. *Sentir-se* acaba sendo um grande desafio para as participantes quando, por exemplo, o ato de se tocar leva a uma crise de pânico. Conclui-se, no artigo, que há uma atenuação progressiva dessas sensações de desconforto em relação ao sentir-se e o quão importante é a consciência de si e do movimento para a identidade corporal da pessoa.

Abrindo a Seção “Práticas e Teorias Somáticas em Dança” e tratando de mecanismos criados para o desenvolvimento de um trabalho coreográfico, o artigo das autoras convidadas, Cleonice de Paula Pereira e Julia Ziviani Vitiello, esclarece sobre o uso de minitrampolins por bailarinos durante o processo de criação do espetáculo infanto-juvenil *Escondeus* do Grupo Dançaberta. O tema do apoio dos pés reaparece aqui, mas dessa vez por uma necessidade de entendimento do refinamento da percepção corporal que viabilize movimentos de entrada e saída no/do trampolim, bem como modos conscientes de se mover que diminuam o risco de lesões nos tornozelos e joelhos e melhorem a habilidade das bailarinas no contexto técnico-artístico do espetáculo do grupo.

Assim, em suas *Reflexões sobre uso de minitrampolins por bailarinos*, Pereira e Vitiello descrevem como o estudo da percepção e o uso de novas estratégias de resolução e autoavaliação contribuíram para rever padrões de funcionamento corporal das bailarinas durante o processo artístico. Ao adotar os minitrampolins tanto como objeto cênico como ferramenta de treinamento, o grupo teve de enfrentar o desafio de lidar com a noção de força e impulso no aparelho, desencadeando um olhar mais atento e consciente em relação ao apoio de certas áreas corporais e da lateralidade durante a ação. O estudo somático, desenvolvido em etapas precisas e bem controladas, foi essencial para que o grupo alcançasse uma maior compreensão da importância do alinhamento e do suporte eficientes para promover uma posição vertical integrada, sobretudo na relação corpo-objeto.

Em *Social somatic theory: issues and applications in dance pedagogy* (Teoria social somática: questões e aplicações na pedagogia da dança), Jill Green, quarta autora convidada para esta publicação, descreve e explica a “teoria social somática”, termo por ela cunhado em 1993. Tomando por base a perspectiva de teóricos e educadores somáticos como Don Johnson e Elizabeth Behnke, Green aponta para as questões sócio-políticas implicadas nas práticas e teorias somáticas, discutindo como nossos corpos e experiências corporais nunca são neutros e livres de valor, mas moldados pela história, cultura e ideologia em que estão imersos. Adverte-nos, adicionalmente, sobre o perigo de adotarmos uma atitude “fundamentalista” e idiossincrática frente a determinadas práticas somáticas, treinamentos em dança e sistemas educacionais que, ao imporem-se como modelos externos de correção, muitas vezes únicos e inquestionáveis, acabam por enfraquecer a apropriação e autoridade corporais.

Green explora, ainda, certas intersecções e tensões existentes entre a teoria somática em geral e abordagens pós-modernas do corpo, sobretudo com base em Michel Foucault. Exemplifica, por fim, modos de aplicação da “teoria social somática” à área da pesquisa e pedagogia da dança, a partir de seus próprios trabalhos e de estudiosas como Martha Eddy, Silvie Fortin, Leena Rouhiainen, Eeva Anttila, dentre outras, discutindo a utilização da educação somática como ferramenta de reflexão crítica e transformação política.

Dando sequência à discussão das relações entre o campo somático e a arte da dança, Ana Clara Cabral Amaral Brasil escreve sobre *A técnica Klauss Vianna de dança e educação somática e a produção de subjetividade do corpo artista na contemporaneidade*. Ao focar os pressupostos da técnica Klauss Vianna, a autora trata de relacionar essa abordagem somática brasileira como campo potencial de elaboração artística e de produção de subjetividade do artista cênico contemporâneo. Entrecruzando os domínios da dança, neurociência, filosofia e estudos do corpo, ela não apenas enfatiza a inseparabilidade entre ação técnica e criativa na perspectiva do trabalho de Vianna e de seus seguidores, como favorece uma releitura ética e política quanto aos entendimentos do corpo e aos modos de fazer-pensar a prática da dança e seu ensino na atualidade.

O artigo *Balé Clássico em uma perspectiva somática*, de Neila Cristina Baldi, mantém uma ressonância com os aspectos didáticos despertados pela temática desta publicação. Inspirada por uma experiência autoral de bricolagem metodológica e de conteúdos – que relaciona o ensino do balé clássico aos estudos da Coordenação Motora de Marie-Madeleine Bézières e Suzanne Piret e da Categoria Expressividade de Rudolf Laban –, a pesquisadora discute algumas das implicações técnicas referentes à articulação da educação somática com aulas de dança contemporânea. Situa e

problematiza a “pedagogia somática” dentro de um campo alargado de abordagens, não restrito somente às escolas reconhecidas e validadas historicamente como *somáticas*, mas incorporando também as práticas idiossincráticas que destas emergiram em resposta à expansão crescente de uma comunidade de pesquisa na área, em especial no caso da dança.

Mantendo como enfoque a discussão sobre a subjetividade do corpo, o artigo *Sobre guarda-chuvas em tempos de ventania: a educação/arte/terapia somática diante de uma epistemologia sistêmica do corpo que dança* faz uma leitura de aspectos da Teoria Geral dos Sistemas – a ciência, a tecnologia e a filosofia dos sistemas –, a fim de analisar aproximações entre áreas de conhecimento como a Dança e a Educação Somática, observando um direcionamento para uma epistemologia sistêmica de corpo. Nesse sentido, as autoras Andrea Sérgio Bertoldi e Cinthia Kunifas enfatizam a constante atualização epistemológica que emerge do reconhecimento de proximidades e transversalidades entre diferentes áreas, articulada a princípios lançados por criadores de abordagens somáticas, entre outros aspectos que o texto busca problematizar e refletir a partir desse viés.

Esta edição buscou, portanto, reunir artigos de pesquisadores – artistas, educadores do corpo e do movimento humano – que têm encontrado, no conhecimento somático, um terreno fértil para a transformação de práticas, a reflexão teórica e a expansão de conhecimentos voltados ao corpo, à dança, à vida cotidiana e social. A educação somática, por sua natureza não monolítica, dada a variedade de usos, sentidos e aplicações que a ela podem ser atribuídos, tem muito a oferecer para o desenvolvimento do potencial humano e de suas relações com o ambiente, seja na arte, educação, saúde ou em campos ainda inexplorados de aplicação.

Editoras

Marila A. Vellozo

Adriana Almeida Pees

Silvia M. Geraldi